

Luvita Hieroglífico: Introdução

Caio Geraldles

5 de agosto de 2024

1 Descobrimos o luvita

Luvita denota um povo e uma língua e seus dialetos cuja existência, até o começo do século passado, estava perdida na história.¹ Quando no final do século XIX foram encontrados blocos de pedra no norte da Síria com inscrições em hieroglifos em alto relevo, associaram esta nova língua e o povo que a escreveu com os *hititas*, um povo que até então era lembrado por passagens da bíblia hebraica e alguns documentos recentemente descobertos em assírio. Em 1906, as escavações realizadas em Boğazköy/Boğazkale sob direção de Hugo Winckler e Theodore Makridi revelaram a cidade de Hattusa, capital do que teria sido depois chamado de Império Hitita, e nela um grande arquivo de documentos em cuneiforme em uma língua até então desconhecida.² Apenas em 1915-17, Bedřich Hrozný conseguiria ao mesmo tempo demonstrar que a língua nesses arquivos e em duas cartas previamente escavadas em Tell el-Amarna (Egito moderno) era uma língua indo-europeia e produzir um esboço gramatical dela, identificando-a como a língua dos hititas. Entre os textos em cuneiforme escavados em Boğazköy entre 1906 e 22 revelaram dentro deles trechos que os autores das tabuletas avisam que devem ser lidos *luwili*, isto é “como luvita”.³ Como alguns termos soltos ou incluídos em léxicos dessa língua aparecem marcados com um sinal cuneiforme, 𐀫, chamado pelo nome alemão *Glossenkeil*, sugeriu-se chamar essa língua também de *Glossenkeilsprache*.⁴

¹ Esta seção está baseada sobretudo em Hawkins (2000a), Melchert (2003) e Hoffner Jr. e Melchert (2008).

² A decifração do cuneiforme nesta altura já estava bastante adiantada, tendo sido iniciada nos primeiros anos do século XIX e relativamente bem estabelecida dentro da primeira metade do século para o persa antigo, acadiano e elamita.

³ Os códigos legais hititas contém provisões também de uma região, ainda hoje com localização disputada, chamada KUR *Lu-ú-i-ya*.

⁴ Os textos em luvita cuneiforme estão editados em Starke (1985) e Yakubovich e Mouton (2023). Outra língua aparece, embora raramente, nos textos hititas precedida por 𐀫, o palaico. Os textos em palaico estão editados em Carruba (1970).

A língua dos hieróglifos das inscrições sírias, no entanto, permaneceu praticamente ilegível desde sua descoberta até a década de 30.⁵ No começo da década de 30, contribuições separadas de Meriggi, Gelb, Forrer, Bossert e Hrozný ofereceram interpretação de diversos logogramas e interpretações ou, ao menos, aproximações para alguns silabogramas, permitindo as primeiras tentativas de interpretação. Alguns avanços foram feitos durante as décadas de 1940 a 1960, com a compilação de selos digráficos (hieroglíficos e cuneiformes) e com a publicação parcial da inscrição bilíngue em hieroglífico e fenício de Karatepe descoberta por Bossert e Halet Çambel. Foi apenas com a publicação das “Novas leituras” por Hawkins, Morpurgo Davies e Neumann (1974) que se pode finalmente identificar a língua dos hieróglifos hititas com a língua dos *Glossen-keil* que deveriam ser lidos *luwili*. Daí em diante, estas línguas passaram a ser conhecidas respectivamente como *luwita hieroglífico* e *luwita cuneiforme*.





2 Quando e onde?

Embora tenhamos contado um pouco sobre a descoberta e decifração do luwita hieroglífico, convém dizer um pouco sobre o contexto histórico dessa língua.

2.1 Datação

A maioria das informações históricas sobre os falantes de luwita ou habitantes das regiões da associadas à língua luwita advém de textos hititas, salvo algumas poucas evidências contidas nas cartas de Amarna, correspondências em acadiano entre governantes egípcios e governantes do oriente próximo, incluindo duas entre o Egito e Arzawa, o nome tradicionalmente atribuído ao território dos falantes de luwita. Os primeiros textos legais hititas contendo menções à terra chamada de *Luwiya*, hit. KUR *Lu-ú-i-ya*, datam da metade do segundo milênio antes da era comum, no Velho Reinado Hitita.⁶ Pelas crônicas históricas, sabe-se que pelo menos desde o reinado de Hattusili I (ca. 1650–1620)⁷ já havia interações entre hititas e luwitas. Supõe-se deste Starke (1985) que os textos em luwita cuneiforme tenham sido compostos entre os séculos XVI e XV AEC. Quanto ao luwita hieroglífico, o corpus se divide tradicionalmente em dois períodos, o período imperial e período neo-hitita.

Imperial / Era do Bronze Datadas do séc. XIII AEC, entre as dinastias de Tudhaliya IV e Suppiluliuma II, parte final do Império hitita. Boa parte das inscrições do período imperial fazem forte uso de logogramas, de modo que são

⁵ Alguns sinais tinham sido corretamente interpretados por Sayce entre 1882 e 1884, a saber os logogramas L.17  REX e L.228  REGIO, respectivamente correspondentes aos cuneiformes  LUGAL ‘rei’ e  KUR ‘país/território’.

⁶ CTH 291 e 292. Tradução das leis em Hoffner Jr. (1997).

⁷ Usarei ao longo deste texto as datas de acordo com a cronologia média do oriente próximo.

de pouco interesse linguístico e de difícil compreensão.⁸ Além das inscrições, como em Figura 1, temos selos reais e oficiais como Figura 2.

Neo-hitita / Era do Ferro *Circa 1100-700 AEC*, período posterior à dissolução do império hitita que, aparentemente, foi sucedido por diversas cidades-estado que mantiveram alguns aspectos culturais e políticos do antigo império. O corpus é composto sobretudo por inscrições, mas contém também selos, como Figura 3, e cartas, como Figura 4.

2.2 Localização

O mapa em Figura 5 mostra a localização de descoberta de todos os documentos em luvita hieroglífico encontrados até hoje. É de se notar que os documentos do período imperial hitita, em laranja no mapa, estão muito mais espalhados geograficamente do que os documentos do período neo-hitita, em verde, que se concentram sobretudo no sudeste da Anatólia e noroeste da atual Síria.

Locais de interesse na idade do bronze As principais regiões que assume-se terem sido ocupadas por falantes de luvita durante a idade do bronze são Kizzuwatna, Tarhuntassa, Arzawa, Wilusa e, possivelmente, Mira. Todas essas regiões estão em volta do centro do poder hitita em Hatti, como se pode ver no mapa em Figura 6.

Locais de interesse na idade do ferro As principais regiões que assume-se terem sido ocupadas por falantes de luvita durante a idade do ferro são a Cilícia, Que e Gurgum. Os sítios de Karatepe, Carquemis, Hama e Maraş estão entre os mais importantes. Todas essas regiões estão entre o sudeste da atual Turquia e noroeste da Síria, como se pode ver no mapa em Figura 7.

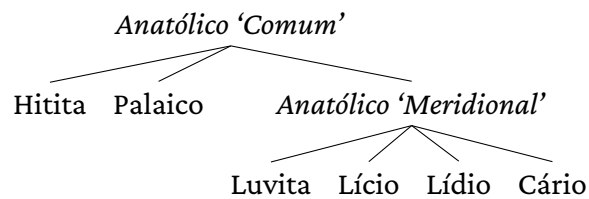
3 Parentesco linguístico

O luvita é uma língua indo-europeia pertencente ao ramo anatólico. O proto-indo-europeu (PIE) é uma língua hipotética reconstruída a partir da comparação entre línguas genealogicamente ligadas umas a outras utilizando o método linguístico histórico comparativo. As línguas mais importantes utilizadas para sua reconstrução desde o início do século XIX foram o sânscrito e o grego, em primeiro lugar, o latim, as línguas germânicas e as balto-eslávicas, secundariamente, e as célticas, o armênio e albanês, com menor frequência. Com as evidências oferecidas por Bedřich Hrozný para a hipótese de que o hitita seria uma

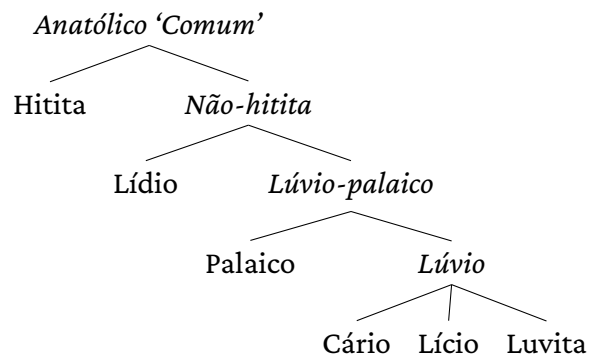
⁸ Duas inscrições apenas contém logogramas, de modo que pode-se supor que talvez representem um texto hitita, a saber BOĞAZKÖY 1 e 2.

língua indo-europeia, iniciou-se um processo de revisão do que seria o proto-indo-europeu e qual sua relação com essa recém descoberta língua. Desde cedo ficou claro que o hitita representava um destacamento bastante antigo da língua indo-europeia que havia gerado os demais ramos.⁹ A decifração de línguas como o luvita, cário, palaico, lídio e lício e a conclusão de que todas elas formam junto do hitita um ramo linguístico dentro do indo-europeu, comumente chamado de ramo *anatólico*.¹⁰

Dentro das anatólicas, uma divisão conservadora das línguas seria a proposta por Rieken (2017, p. 305–6): 1. do Anatólico “Comum” o hitita e palaico teriam se separado inicialmente; 2. as demais línguas, i.e. o luvita, lício, lídio e cário seriam provenientes de um dialeto anatólico do Sul, um “anatólico meridional”, ou, em árvore genealógica:¹¹



O modelo mais comumente aceito, no entanto, é o de Oettinger (1978, p. 92) e seguido por Yakubovich (2010, p. 6), que utiliza as seguintes isoglosas para a divisão: 1. substituição da desinência de primeira pessoa singular presente ativa indoeuropeia **-mi* por *-wi* em todas as línguas menos hitita; 2. generalização da forma de primeira pessoa singular pretérita *-ha* salvo em lídio; 3. plural em formas derivadas em **-nsi* no lugar de **-es* em cário, lício e luvita. Esquemáticamente:

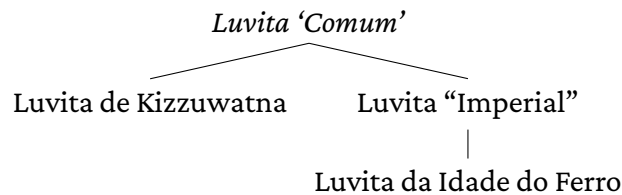


⁹ Pelo menos desde Sturtevant (1933).

¹⁰ Não cabe aqui a discussão se a separação do anatólico do resto do indo-europeu o torna um ramo “de primeira classe”, pertencendo assim não ao indo-europeu, mas a uma língua que poderia ser chamada de indo-hitita / indo-anatólico, detalhes sobre essa discussão podem ser encontrados em Ringue (2017).

¹¹ Nestas e nas próximas árvores, os nódulos em itálico representarão estágios linguísticos não atestados, mas supostamente reconstruídos.

Por fim, embora seja comum dizer que o *luvita* registrado em cuneiforme e o *luvita* registrado em hieróglifos correspondem a dialetos distintos, Yakubovich (2010) apresenta evidências de que os documentos cuneiformes *luvitas* representam dois dialetos contemporâneos associados a regiões geográficas distintas: o dialeto de Kizzuwatna (sudeste da atual Turquia) e o dialeto “Imperial”, associado às regiões centrais do império hitita. Por sua vez, os textos em hieróglifos registrariam um dialeto sucessor do dialeto “Imperial”, que o autor chama de “*luvita da idade do ferro*”. As principais isoglosas utilizadas para defender essa organização são: 1. os textos associados a Kizzuwatna não registram formas de genitivo, mas sim de adjetivos possessivos em *-assa-*; 2. também nos textos de Kizzuwatna, o morfema de imperfectivo *-zza* é substituído pelo morfema *-ssa*. 3. os demais textos cuneiformes apresentam uma tendência a substituir o acusativo plural comum *-anza* pela forma nominativa *-anzi*, os textos hieroglíficos jamais diferenciam nominativo de acusativo plural. 4. os clíticos *=pa* e *=tar* parecem ter desaparecido nos textos hieroglíficos.



4 Recomendações bibliográficas

Detalhes sobre a descoberta, publicação e decifração dos hieróglifos *luvitas* podem ser encontrados em Hawkins (2003, pp. 131ff.). Para uma descrição ainda mais detalhada, ver Hawkins (2000a, pp. 6-17). O compêndio de Melchert (2003) oferece detalhes e bibliografia para todos os aspectos da história, geografia e língua *luvita*. Sobre a história do oriente próximo, incluindo os hititas, *luvitas* e suas relações com outros povos da região, recomenda-se Mieroop (2016), sobretudo as seções 6.3, 8.2 e 11.1. Informações detalhadas sobre as línguas anatólicas podem ser encontradas em Klein, Joseph e Fritz (2017, p. 239–308) e, sobre a dialetologia do *luvita*, ver Yakubovich (2010).

Referências

- CARRUBA, O. *Das Palaische: Texte, Grammatik, Lexikon*. Wiesbaden: Otto Harrassowitz, 1970. (Studien zu den Boğazköy-Texten, 10).
- HAWKINS, J. D. *Corpus of Hieroglyphic Luwian Inscriptions. Volume I: Inscriptions of the Iron Age. Part 1: Text. Introduction, Karatepe, Karkamiš, Tell Ahmar, Maraş, Malatya, Commagene*. Berlin: De Gruyter, 2000a.
- HAWKINS, J. D. *Corpus of Hieroglyphic Luwian Inscriptions. Volume I: Inscriptions of the Iron Age. Part 3: Plates*. Berlin: De Gruyter, 2000b.
- HAWKINS, J. D. *Corpus of Hieroglyphic Luwian Inscriptions. Volume III: Inscriptions of the Hittite Empire and New Inscriptions of the Iron Age*. Berlin: De Gruyter, 2024.
- HAWKINS, J. D. Scripts and Texts. In: *The Luwians*. Edição: H. Craig Melchert. Leiden: Brill, 2003. P. 128–169. (Handbook of Oriental Studies. Section 1: The Near and Middle East).
- HAWKINS, J. D.; MORPURGO DAVIES, A.; NEUMANN, G. *Hittite Hieroglyphs and Luwian: New Evidence for the Connection*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1974. (Nachrichten der Akademie der Wissenschaften in Göttingen, 6).
- HOFFNER JR., H. A. *The Laws of the Hittites: A Critical Edition*. Leiden: Brill, 1997. (Documenta et Monumenta Orientis Antiqui, XXIII).
- HOFFNER JR., H. A.; MELCHERT, H. C. *A Grammar of the Hittite Language*. Winona Lake, Indiana: Eisenbrauns, 2008. (Languages of The Ancient Near East).
- KLEIN, J.; JOSEPH, B.; FRITZ, M. (Ed.). *Handbook of Comparative and Historical Linguistics 41.1*. Berlin: De Gruyter Mouton, 2017. (Handbücher zur Sprach- und Kommunikationswissenschaft, 41).
- MELCHERT, H. C. (Ed.). *The Luwians*. Leiden: Brill, 2003. (Handbook of Oriental Studies. Section 1: The Near and Middle East).
- MIEROOP, M. V. de. *A History of the Ancient Near East ca. 3000-323BC*. 3. ed. Oxford: Wiley-Blackwell, 2016. (Blackwell History of the Ancient World).
- OETTINGER, N. Die Gliederung des anatolischen Sprachgebietes. *Zeitschrift für vergleichende Sprachforschung*, v. 1/2, n. 92, p. 74–92, 1978.
- RIEKEN, E. (Ed.). The dialectology of Anatolian. In: KLEIN, J.; JOSEPH, B.; FRITZ, M. *Handbook of Comparative and Historical Linguistics 41.1*. Berlin: De Gruyter Mouton, 2017. P. 298–308. (Handbücher zur Sprach- und Kommunikationswissenschaft, 41).
- RINGUE, D. (Ed.). Indo-European dialectology. In: KLEIN, J.; JOSEPH, B.; FRITZ, M. *Handbook of Comparative and Historical Linguistics 41.1*. Berlin: De Gruyter Mouton, 2017. P. 62–75. (Handbücher zur Sprach- und Kommunikationswissenschaft, 41).

- STARKE, F. *Die keilschrift-luwischen Texte in Umschrift*. Wiesbaden: Otto Harrassowitz, 1985. (Studien zu den Boğazköy-Texten, 30).
- STURTEVANT, E. *A comparative grammar of the Hittite language*. Philadelphia: Linguistic Society of America, 1933.
- YAKUBOVICH, I. *Sociolinguistics of the Luwian Language*. Leiden: Brill, 2010.
- YAKUBOVICH, I.; MOUTON, A. *Luwili: Hittite-Luwian Ritual Texts Attributed to Puriyanni, Kuwattalla and Šilalluḫi (CTH 758–763)*. Wiesbaden: Otto Harrassowitz, 2023. (Studien zu den Boğazköy-Texten, 10).

Figuras



Figura 1: Inscrição BOĞAZKÖY 21. Dentro do complexo das piscinas sagradas de Hattusa, contendo o nome de Suppiluliuma II. Imagens de Hittite Monuments. Ver Hawkins (2024, p. 48ff.)

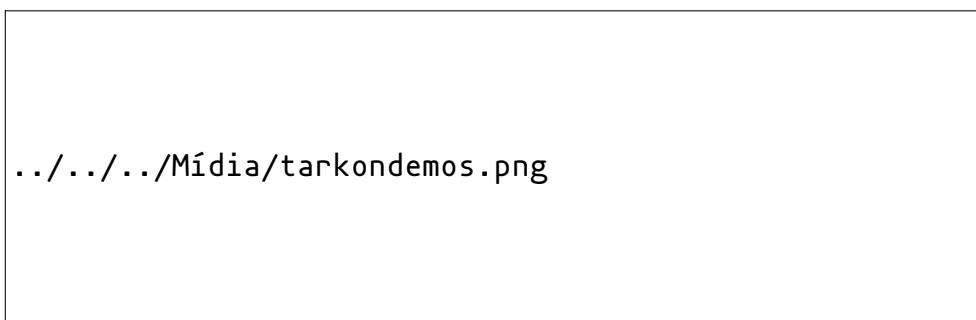


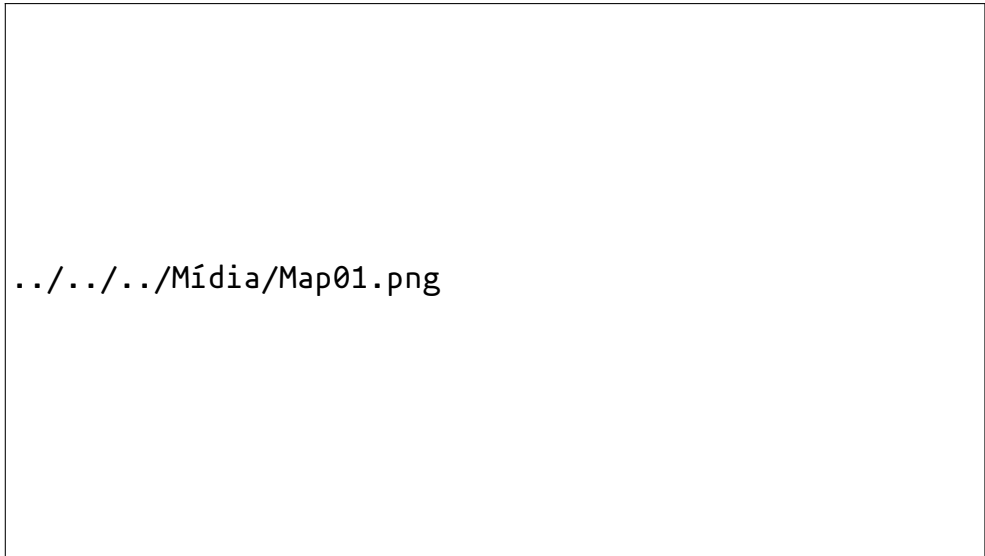
Figura 2: Selo de “Tarkondemos”. Digráfico com cuneiforme na circunferência e hieróglifos no centro. Atualmente o texto é interpretado como pertencente a um certo *Tarkas(sa)nawa*. Final do século XII AEC. Atualmente em Walters Art Gallery, Baltimore, no. 57.1512. Imagem e traçado de Hawkins (2024, p. 45f., *plate 32*)

../../../../Mídia/lidar1.png

Figura 3: Bula de LÍDAR. 5.4cm de diâmetro. Aproximadamente 1200 AEC. Atribuído a Kuzi-Tešub, rei de Carquemis. Atualmente no Şanlıurfa Arkeoloji Müzesi. Imagem e traçado de Hawkins (2000b, *plate* 328)


../../../../Mídia/assur1.png

Figura 4: Cartas de Assur. Rolos de chumbo de aproximadamente 4cm de altura e diversas larguras contendo cartas de comerciantes. Escavados em Assur em 1905 pela Deutsche Orientgesellschaft. Originalmente alocados no Eski Şark Eserleri Müzesi, apenas os fragmentos *e* e *f* estão preservados e locados no Vorderasiatisches Museum, Berlin, no. VA 5819. Imagem de Hawkins (2000b, *plate* 306)




../../../../Mídia/Map01.png

Figura 5: Mapa contendo a localização das inscrições monumentais em luvita hieroglífico. Os pontos laranjas representam inscrições do período imperial enquanto os verdes, inscrições do período neo-hitita.



../../../../Mídia/Mapa02.png

Figura 6: Mapa da Anatólia durante a idade do bronze. Melchert (2003, p. 37).



../../../../Mídia/Mapa03.png

Figura 7: Mapa da Anatólia durante a idade do ferro. Melchert (2003, p. 94).